

# AS TICS NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS: APROPRIAÇÕES E INCORPORAÇÕES NO MEIO RURAL CONTEMPORÂNEO

ICTS IN THE DAILY ROUTINE OF FARMING FAMILIES: APPROPRIATIONS AND INCORPORATIONS IN THE CONTEMPORARY RURAL

LAS TICS EN LA VIDA COTIDIANA DE FAMILIAS DE AGRICULTORES: APROPIACIONES E INCORPORACIONES EN EL RURAL CONTEMPORÂNEO

Lírian Sifuentes

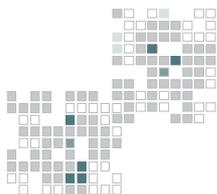
- Pesquisadora de Pós-doutorado (PPGCOM/UFRGS). Doutora em Comunicação (PUCRS).
- E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br

João Vicente Ribas

- Professor na Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutor em Comunicação (PUCRS).
- E-mail: jvribas@upf.br

Aline Bianchini

- Doutora em Comunicação (PUCRS).
- E-mail: li.bianchini@gmail.com



## RESUMO

A pesquisa teve o objetivo de conhecer as apropriações e incorporações das tecnologias de comunicação por famílias agricultoras no sul do Brasil. O estudo empírico, de caráter socioantropológico, fez uso de entrevistas, formulários e observações. Foi possível conhecer as adequações entre mídias novas e tradicionais no cotidiano. Essas incorporações estão inseridas no contexto de uma ruralidade particular, de fronteiras esmaecidas entre urbano e rural. Além de fatores como geração e gênero, percebeu-se que a atividade produtiva – agricultura familiar – é definidora para o uso e o tipo de integração das TICs no cotidiano dessas famílias.

**PALAVRAS-CHAVE:** TICS; APROPRIAÇÕES E INCORPORAÇÕES; FAMÍLIAS AGRICULTORAS; NOVAS RURALIDADES.

## ABSTRACT

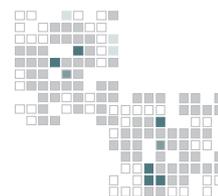
The research aimed to know the appropriations and incorporations of communication technologies by farming families in southern Brazil. The empirical study, of a socio-anthropological nature, made use of interviews, forms and observations. It was possible to know the adjustments between new and traditional media in the daily lives. These incorporations are inserted in the context of a particular rurality, of blurred borders between urban and rural. In addition to factors such as generation and gender, it was noticed that the productive activity – family farming – defines the use and type of integration of ICTs in the daily lives of these families.

**KEYWORDS:** ICTS; APPROPRIATIONS AND INCORPORATIONS; FARMING FAMILIES; NEW RURALITIES.

## RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo conocer las apropiaciones e incorporación de tecnologías de la comunicación por familias campesinas en el sur de Brasil. El estudio empírico, de carácter socio-antropológico, hizo uso de clasificaciones, formas y conceptos. Fue posible conocer los ajustes entre los medios nuevos y los tradicionales en la vida cotidiana. Estas incorporaciones se insertan en el contexto de una ruralidad particular, con fronteras difusas entre lo urbano y lo rural. Además de factores como la generación y el género, se apela a que la actividad productiva - agricultura familiar - define el uso y tipo de integración de las TIC en la vida cotidiana de estas familias.

**PALABRAS CLAVE:** TICS; APROPIACIONES E INCORPORACIONES; FAMILIAS DE AGRICULTORES; NUEVAS RURALIDADES.



## 1. Introdução

O artigo<sup>1</sup> apresentado aqui faz parte de uma pesquisa de cinco anos, concluída em 2019, realizada por um grupo interdisciplinar e interinstitucional<sup>2</sup>. Nos resultados que exporemos, privilegamos a compreensão dos usos que famílias de agricultores fazem das tecnologias da informação e comunicação, sejam elas novas ou tradicionais. Também buscamos identificar aspectos valorativos e representacionais postos em ação quando esses artefatos tecnológicos são adotados e adaptados por esses atores sociais nos seus respectivos contextos. Entendemos, assim como Wajcman (2017, p. 50), que “todas as tecnologias são intrinsecamente sociais já que são desenhadas, produzidas, utilizadas e governadas por pessoas”.

Dois eixos foram norteadores da investigação: a apropriação e a incorporação das tecnologias de comunicação, seguindo a abordagem de Silverstone, Hirsch e Morley (1996). Consideramos, assim, que a apropriação trata da posse/aquisição do artefato tecnológico: refere-se à chegada dos meios de comunicação às casas das famílias pesquisadas, seja nos anos recentes – caso do computador e do celular –, seja num passado mais longínquo, quando rádio e televisão passaram a fazer parte do cenário doméstico – em muitos casos, junto com a chegada da eletricidade nas localidades. Já a incorporação diz respeito aos usos, aos modos pelos quais utilizam as tecnologias, isto é, como são incorporadas no cotidiano, adquirindo significados diversos.

---

1 Uma versão anterior deste artigo foi apresentada XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

2 Este artigo resulta da pesquisa “Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco” (CNPq, 2014-2016), coordenada pela professora Ana Carolina Escosteguy. A pesquisa envolveu dois programas de pós-graduação, um de Comunicação Social, situado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e outro em Desenvolvimento Regional, da Universidade de Santa Cruz do Sul.

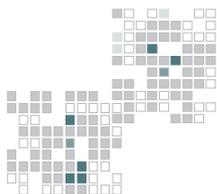
A investigação está centrada em famílias agricultoras envolvidas na cadeia agroindustrial do tabaco, residentes no município de Vale do Sol, interior do Rio Grande do Sul, distante cerca de 180 quilômetros de Porto Alegre. Nossa pesquisa de campo inicia no segundo semestre de 2014. O critério para inclusão era de que o núcleo familiar estivesse envolvido com o cultivo do tabaco – embora alguns tenham uma produção agrícola diversificada –, e que, preferencialmente, tivesse mais de duas gerações morando na mesma propriedade. Cada família foi visitada no mínimo três vezes.

Na primeira visita, fizemos uma apresentação dos pesquisadores e esclarecemos sobre os objetivos da pesquisa; em seguida, com o objetivo de delinear os perfis de cada família e de seus membros, foram aplicados dois tipos de formulários, um individual e outro familiar, ambos com questões objetivas. O primeiro formulário foi aplicado a cada um dos membros da família<sup>3</sup>, a fim de conhecer os gostos, hábitos e usos das TICs dos indivíduos que compunham o núcleo familiar. O outro formulário, respondido por um membro escolhido pela própria família, trouxe questões sobre a propriedade e tecnologias domésticas. Na segunda ida a campo, realizamos entrevistas individuais semiestruturadas, visando contemplar as representações e os imaginários em operação no que refere às tecnologias da comunicação, bem como as alterações e continuidades produzidas no entorno da vida prática com a chegada e introdução das TICs nos lugares de vivência. Para isso, o instrumento foi organizado em quatro eixos: 1) experiências de apropriação das TICs; 2) consumo das tecnologias de comunicação hoje; 3) relação com o meio de comunicação favorito; 4) relação entre o trabalho e as tecnologias de comunicação.

Por fim, em 2017, foi realizada uma nova visita

---

3 Inclusive as crianças. Posteriormente, decidimos não usar os dados dos menores de 12 anos.



às sete famílias, dando conta da finalização da pesquisa e entregando-lhes um foto álbum, com informações sobre a pesquisa e fotografias da região e da propriedade feitas pela equipe entre 2014 e 2016. Não foi aplicado novo instrumento, porém alguns dados foram informalmente coletados, observando-se a condição das famílias pesquisadas na sua relação de posse e uso das TICs nessa ocasião.

A investigação pretendeu cumprir com uma diretriz de compromisso social, atendendo desafios postos pelas circunstâncias vividas no país e na região, o que justifica a integração de um grupo de pesquisa da Comunicação com um grupo de pesquisa de Desenvolvimento Regional. A pertinência social do estudo reside tanto na escolha do tema quanto no *locus* de pesquisa, articulados no exame de práticas cotidianas relacionadas às TICs, vivenciadas por famílias da agricultura familiar de uma ruralidade do sul do Brasil.

## 2. O rural contemporâneo e as TICs

O rural não é uma categoria a-histórica, independente do tempo e do lugar (Wanderley; Favareto, 2013), e sim “um fenômeno cultural historicamente forjado” (Carneiro, 2012, p. 34). As transformações porque o rural brasileiro passou na segunda metade do século XX inclui a inserção de tecnologias de informação e comunicação, que proporcionaram uma outra configuração desse espaço. No Brasil, bens simbólicos e duráveis foram introduzidos ao longo dos últimos 70 anos no espaço rural, acompanhando, com “atraso”, o que ocorria nas cidades. Nesse sentido, o acesso a esses bens de consumo comunicacionais no campo é menor, e mais lento do que o que se tem nos grandes centros urbanos, mas eles não deixam de se fazer presentes nas casas dos agricultores. Essa constatação representa processos de inclusão

e conflitos históricos relacionados a minorias sociais, mas que no contexto tecnológico atual configuram-se como resistências e diversidades.

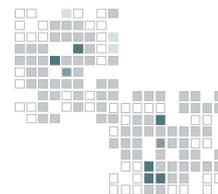
O rural contemporâneo, contexto de uso das TICs na investigação aqui relatada, vivencia um momento particular de esmaecimento de fronteiras rígidas entre meio urbano e meio rural, sobretudo, pela intensificação dos deslocamentos (físico e virtual) dos seus habitantes, onde o papel das TICs é de considerável importância.

Vale do Sol<sup>4</sup>, município onde residem as famílias pesquisadas, integra o chamado território do tabaco, que abrange os três estados do sul do Brasil. Nesse espaço, o cultivo do fumo é feito, predominantemente, com mão de obra familiar em pequenas propriedades, atendendo a contratos pré-firmados com empresas transnacionais. Produzir e beneficiar as folhas de tabaco é a principal atividade dessas famílias há três ou quatro gerações.

Nos anos em que a pesquisa foi realizada, notou-se um momento de intensa apropriação de tecnologias digitais, tais como internet, computador e celular, que passaram a ser incorporadas concomitantemente às TICs já presentes no âmbito doméstico – em especial, o rádio, a televisão e os jornais locais. Assim, houve uma adaptação entre artefatos tecnológicos novos e tradicionais na vida cotidiana. A forma como essas incorporações adquirem significados, nos marcos culturais e práticos dos membros das famílias pesquisadas, sofre influência do contexto de uma ruralidade particular, de significativa densidade demográfica, que interage com centros urbanos, que tem acesso a bens e serviços e participa dos fluxos comunicacionais globais.

---

4 O cultivo e o processamento do tabaco ocupam, direta e indiretamente, 2,5 milhões de trabalhadores rurais (na lavoura) e urbanos (indústria e comércio e serviços). É uma das principais atividades econômicas do Sul do Brasil (Silveira, 2011).



### 3. TICs em Vale do Sol

A presença das TICs nas casas das famílias se dá segundo condições econômicas, valores e interesses particulares de cada grupo, além de estar relacionado à ruralidade vivenciada. Concomitante a esse processo de apropriação ocorre, também, a incorporação das TICs na vida cotidiana, momento em que as tecnologias adquirem funcionalidades, usos e sentidos próprios (Silverstone; Hirsch; Morley, 1996).

Quatro dos lares investigados têm acesso à internet. Em duas dessas propriedades o acesso se dá via rádio, pois não há sinal de telefonia móvel. Já as duas famílias desse subconjunto que têm tanto sinal de celular como de internet em casa vivem em propriedades que estão mais próximas ao centro urbano do município. Mas, durante a investigação, esta configuração mudou rapidamente, com a apropriação de novos artefatos. Das sete famílias pesquisadas, duas não tinham acesso à internet em casa nem sinal de telefonia móvel no período de coleta dos dados

(2014/2015). No entanto, quando retornamos em 2017 para a última visita de trabalho, essas duas unidades familiares tinham aderido a um pacote coletivo de internet com os vizinhos, barateando os custos. Contudo, observaram que o sinal de telefone móvel continuava precário.

Por menor que seja, a melhoria de serviços (eletrificação, estradas, transporte, telefonia e internet), de espaços de sociabilidade e de lazer – sendo, estes dois últimos, reivindicação constante entre os jovens pesquisados – incide diretamente na reelaboração simbólica da ruralidade contemporânea pelos moradores do lugar. Consequentemente, contribui, em alguns casos, para amenizar o desejo de abandono do meio rural pelos jovens. Foi assim com Ri. K<sup>5</sup> (20 anos), que, após a conclusão do ensino médio, decidiu estabelecer-se na propriedade.

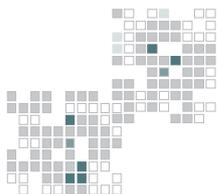
A seguir, apresentamos dois quadros sintéticos, um com as mulheres e outro com os homens. O grupo de mulheres totaliza 13 informantes, sendo quatro idosas, sete adultas, e duas jovens<sup>6</sup>.

QUADRO 1 – Síntese do perfil das mulheres

Mulher	Idade	Escolaridade	Acesso à internet	Uso do celular	Mídia preferida
Am. P	89 anos	4ª série Ensino Fundamental	Não tem	Não tem	Livro calendário em alemão
Se. C	75 anos	5ª série Ensino Fundamental	Acessa com os netos	Ligações	Telefone
Li. Z	67 anos	5ª série Ensino Fundamental	Não acessa	Ligações	Televisão
Ni. S	64 anos	5ª série Ensino Fundamental	Não tem	Ligações e fotos	Telefone
Ad. P	45 anos	5ª série Ensino Fundamental	Não tem	Não tem	Telefone

5 Os entrevistados estão identificados pela primeira letra – ou sílaba, quando ocorre repetição – do nome e a inicial do sobrenome da família.

6 As informações referem-se ao momento de aplicação do formulário, primeiro instrumento de coleta de dados, que foi aplicado em algumas famílias em 2014 e, em outras, em 2015.



M. A	42 anos	5ª série Ensino Fundamental	Não tem	Ligações	Rádio
So. C	40 anos	4ª série Ensino Fundamental	Não acessa	Ligações	Jornal, livros e revistas
Le. Z	40 anos	4ª série Ensino Fundamental	Pelo computador e pelo celular	Ligações e internet	Internet
E. K	37 anos	5ª série Ensino Fundamental	Pelo computador	Ligações	Internet
R. S	34 anos	Ensino Médio - técnico	Não tem	Ligações	TV, rádio e telefone
C. V	30 anos	2º ano do Ensino Médio	Pelo computador	Ligações	Internet
An. P	23 anos	Ensino Fundamental completo	Pelo celular (usando sinal da escola e no centro)	Ligações, mensagens, redes sociais (fora da propriedade, música e fotos)	Celular
D. A	22 anos	Ensino Superior em andamento (Arquitetura)	Pelo celular e pelo notebook	Ligações, mensagens e acesso à internet	Notebook com internet

Fonte: Autores com base em Ecosteguy 2019 et. al.

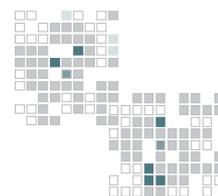
As informantes que são mães se dividem entre atividades domésticas, agrícolas e cuidado com os filhos/as. As avós desempenham algumas atividades do lar e tarefas mais leves da lavoura ou da pecuária. As jovens estudam e dividem as tarefas domésticas com as mais velhas e adultas (apenas uma delas não estuda, tendo encerrado a escola no Ensino Fundamental). Apenas duas

mulheres do grupo não têm telefone celular. Uma é idosa e, a outra, adulta, a qual relatou usar ocasionalmente algum aparelho da família, em casos de urgência, para ligar e dar notícias.

O quadro 2 sintetiza os dados do grupo de 17 entrevistados do sexo masculino, sendo dois idosos, sete adultos e oito jovens.

QUADRO 2 – Síntese do perfil dos homens

Homem	Idade	Escolaridade	Acesso à internet	Uso do celular	Mídia preferida
J. C	78 anos	3ª série Ensino Fundamental	Não acessa	Não tem	TV
E. Z	67 anos	4ª série Ensino Fundamental	Não acessa	Ligações	Bíblia
V. C	50 anos	5ª série Ensino Fundamental	Não acessa	Ligações, relógio	Celular
A. A	47 anos	4ª série Ensino Fundamental	Não tem	Não usa	Rádio



Si. P	47 anos	5ª série Ensino Fundamental	Não tem	Ligações	TV
C. Z	43 anos	Ensino Médio completo (Técnico em contabilidade)	Pelo computador e pelo celular (no trabalho)	Ligações	Internet
R. K	39 anos	4ª série Ensino Fundamental	Pelo computador	Ligações	TV
E. S	39 anos	8ª série Ensino Fundamental	Não tem	Ligações, relógio, calendário, calculadora, mensagens, fotos da lavoura	TV
D. V	30 anos	Ensino Médio incompleto	Pelo computador	Ligações	Internet
P. P	25 anos	Ensino Fundamental completo	Pelo celular (usando sinal da escola e no centro)	Ligações, mensagens, redes sociais, (fora da propriedade)	Celular com internet
Ri. K	20 anos	Ensino Médio completo (Técnico agrícola)	Pelo computador e pelo celular (fora da propriedade)	Ligações e mensagens (fora da propriedade)	Notebook com internet
Em. A	20 anos	Ensino Médio em andamento (Técnico agrícola)	Pelo celular (usando sinal da escola e no centro)	Ligações e mensagens	Celular
Ma. C	19 anos	Ensino Superior em andamento (Horticultura)	Pelo notebook, computador e celular	Ligações e mensagens, <i>WhattApp</i> , redes sociais.	Celular
H. Z	19 anos	Ensino Médio completo - Técnico Agrícola	Pelo notebook e pelo celular	Ligações, mensagens, <i>WhatsApp</i> , redes sociais	Celular
J. P	18 anos	Ensino Fundamental completo	Pelo celular (usando sinal da escola e no centro)	Ligações, mensagens, redes sociais (fora da propriedade)	Internet e TV
Mo. C	15 anos	Ensino Fundamental em andamento	Pelo computador e pelo celular	Ligações, mensagens <i>WhatsApp</i> , redes sociais.	TV
Ed. Z	14 anos	Ensino Fundamental em andamento	Pelo computador e pelo celular	Música	Computador

Todos são agricultores, mas dois já se aposentaram. Entre os adultos, apenas um possui ocupação paralela ao trabalho na lavoura. Com exceção desse, todos encarregam-se da produção de tabaco na propriedade onde vivem, por herança dos pais<sup>7</sup>. Considerando os estudos, a maior parte dos homens não concluiu o Ensino Fundamental.

Assim como no grupo das mulheres, os jovens incorporam mais o acesso à internet a suas práticas cotidianas, em comparação com os adultos. Chama atenção que a maioria dos homens possui aparelho celular, mas os adultos tendem a usá-lo como telefone, propriamente, e não como dispositivo de acesso à rede. Mesmo os que possuem computador e internet em casa, fazem uso limitado, com auxílio dos filhos, ou não usam. A predileção pelas TICs mostra predominância da mídia tradicional, com destaque para a televisão na incorporação ao cotidiano.

Os dados sobre as práticas relacionadas à mídia, comparados dessa forma, evidenciam desigualdades e tensionamentos, sobretudo, em relação a duas condições: geração e gênero. Embora nenhuma delas seja o foco deste artigo, os jovens e as mulheres mereceram atenção especial em um segmento específico de nossa pesquisa<sup>8</sup>.

#### **4. Apropriação e incorporação das TICs no cotidiano das famílias**

As mídias ditas tradicionais, como a televisão e o rádio, estão presentes há décadas nas residências visitadas, desempenhando, por vezes, papéis bastante parecidos com o meio urbano; e tendo, em outras, sua apropriação influenciada pelo ambiente rural. A televisão, por seu lado,

ocupa espaço central nas cozinhas e cômodos de convivência familiar, ocupando lugar central entre a mobília e ditando certos hábitos e horários familiares, especialmente no turno da noite. A única entrevistada que não tem por hábito assistir TV é D. A (22 anos), pois, como mudou-se para a cidade para estudar, não possui aparelho em casa, assistindo apenas a cada duas semanas, quando visita os pais, no Vale do Sol.

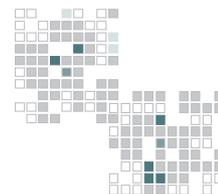
Já o rádio, é o principal companheiro das famílias durante a época de curtir o fumo: “A gente escuta mais quando a gente tá depois, mais, assim, março, abril, maio, daí é o tempo que é de a gente curti o fumo” (C. V, agricultora 30 anos); “O rádio é só na época em que nós tamo no galpão, né, curtindo o fumo. [...] Três meses por ano que a gente escuta rádio”. Durante o resto do ano, os dias são passados na lavoura, onde a companhia dos meios de comunicação é mais difícil. Nesses períodos, o consumo de mídia ocorre, geralmente, no início da manhã, ao meio-dia, e no fim de tarde/noite, quando as famílias estão dentro de casa para realizar as refeições e descansar. Entretanto, para alguns entrevistados que apreciam mais o rádio, algumas adaptações são feitas, como é o caso de D. V (agricultor, 30 anos) – que instalou um rádio em seu trator – e de Le. Z (agricultora, 40 anos) – que leva para a lavoura um rádio de pilhas dentro da pochete, juntamente com seu celular.

Vale ressaltar que, para os entrevistados idosos, os quais têm por costume passar o dia todo em casa, divididos entre tarefas domésticas e atividades de lazer, hábitos de horário de consumo de televisão e rádio não são tão delimitados como para os demais entrevistados.

No que se refere ao celular e ao computador, estes foram incorporados por estas famílias bem mais recentemente. O celular chegou nos lares rurais investigados aproximadamente a partir de 2007.

7 É comum que os homens herdem as terras da família e deem continuidade à administração da propriedade.

8 Felippi; Escosteguy, 2017; Escosteguy; Sifuentes; Bianchini, 2017; Escosteguy; Felippi; Sifuentes, 2019.



*Foi 12 anos atrás, mais ou menos. Se hoje tamo em 2015, né, então seria em 2007, né. Aí era 12, 13 anos. (E. S – agricultor, 39 anos)*

*Faz tempo, acho que faz uns 12 anos. Não, nós não tinha... Dá uns 10 anos. (A. A – agricultor, 47 anos)*

*Uns oito anos, mais ou menos, aí já foi trocando, trocando. (Si. P – agricultor, 47 anos)*

*O celular de levar junto... isso eu acho que faz uns cinco anos. (E. K – agricultora, 37 anos)*

Nesse período, tais famílias viveram uma experiência pouco comum quando se fala em meios de comunicação, pois vivenciaram um retrocesso: no processo de evolução dos aparelhos celulares, ao se tornarem digitais, passaram a adotar o uso de chips. A tecnologia digital, porém, não funciona em grande parte da área rural de Vale do Sol, e os celulares, que 10 anos antes funcionavam nas propriedades, tornando-se tão importantes para a comunicação das famílias – que possuem membros que vivem em propriedades bastante distantes umas das outras –, deixaram de ter sinal. “Tinha um tempo atrás que nós pegava aqui, no celular, mesmo, da Vivo, né, mas com antena, né. Só que, de repente, sumiu o sinal e não tinha mais nem com antena nem de nenhum jeito” (Ad. P – agricultora, 45 anos).

Desse modo, os aparelhos passaram a ter um uso relativo: enquanto se está em casa, funcionam na maioria das vezes apenas como relógio, para tirar fotos ou escutar música; servindo como telefone somente quando se deslocam para a sede do município ou para outras cidades. D. V (agricultor, 30 anos) tem consciência de que o uso que acabam fazendo desta tecnologia é mediado por essa limitação: “Se nós tivesse sinal

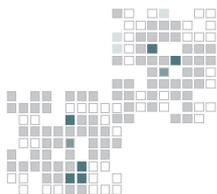
de telefone aqui como nós tamo sentado agora, com certeza nós ia tá usando bem mais o celular. Mas como tá fixo lá, tá grudado na anteninha, eu não vô ficar parado ali olhando toda hora, ficando mexendo. Vô usar quando precisa”.

O telefone fixo convencional, por sua vez, tem um custo muito elevado. A instalação tem um custo de cerca de R\$ 3 mil, segundo R. K (agricultor, 39 anos), já que os cabos da rede não passam pelas propriedades e é preciso trazê-los. A única família que possui telefone fixo são os Z, que, desde o início dos anos 1990, tem posse dessa tecnologia por administrarem um comércio anos atrás.

A solução é uma interface entre telefone fixo e celular: o chamado ruralcel. Se trata de um telefone que opera a partir de uma antena instalada na casa, funcionando em um raio de 100 metros. “É fixo, mas é um celular (risos). [...] Quando nós compramos, aqui, muitos dos vizinhos compraram ao mesmo tempo, aí ficou todo mundo se conectando, né?” (R. K - 39 anos).

Apesar da limitação, a posse do celular é praticamente de um por residente nas famílias entrevistadas. Os jovens, por exemplo, ganharam seu primeiro aparelho na adolescência. Mo. C, de 15 anos, conta que desde os oito anos tem familiaridade com o celular, mas que ganhou “um bom” quando estava com 12. Já Ri. K (agricultor, 20 anos) ganhou seu primeiro aparelho quando tinha 14 anos, após muita insistência. Sua principal motivação para a aquisição foi o fato de muitos colegas terem seu próprio aparelho. “Tu chegava na escola e teus colegas, 70% tinham um celular”. D. A (estudante, 22 anos), por outro lado, se considera menos ligada ao celular que as demais pessoas da sua idade, e vê vantagens nisso:

*Percebia que as outras pessoas sentiam necessidade antes do que eu de trocar, assim, eu ainda mantinha. Eu percebia que eu conseguia*



*prestar mais atenção na aula do que meus colegas, aí eu pensava: 'ah, não vou trocar, deixa esse né, não vou me distrair com outras coisas'. E aí agora, como eu vendo moletons do curso aí eu senti mais necessidade pra falar com as pessoas, marcar encontro de onde eu ia entregar o produto. (D. A – estudante, 22 anos).*

As expectativas sobre o celular antes de possuírem um aparelho variavam desde uma grande curiosidade até um certo desdém, incluindo, em alguns casos, sentimentos de medo. “Era uma coisa muito misteriosa, a gente nem tinha imaginação do que pudesse ser, assim, exatamente” (D. A – estudante, 22 anos). Já R. K (agricultor, 39 anos) está entre os mais empolgados: “Todo mundo que tinha já falava que era uma maravilha. E realmente é”. Para V. C (agricultor, 50 anos), era “uma novidade sem fim, era um bicho de sete cabeça! [...] Quando entrou a gente até tinha medo, medo de usar, que era uma coisa estranha”.

So. C (agricultora, 42 anos) relata que ficou impressionada quando viu o telefone móvel funcionando pela primeira vez: “Eu ficava arrepiada, dos pés à cabeça. Disse ‘meu Deus do céu, terra, mar!’. Eles tocavam o telefone, eu ficava bem nervosa”. Para C. V (agricultora, 30 anos), a surpresa veio com a descoberta de tantas utilidades do aparelho, as quais nem poderia imaginar.

Em um contexto geográfico isolado, o telefone, seja celular, fixo ou ruralcel, assume um papel fundamental.

*Pra gente, assim, facilita muito porque a gente que mora afastado, às vezes tem um animal doente, então como é que tu vai entrar em contato com o veterinário? Primeira coisa: liga pro veterinário. Aí então: ‘Precisa dar tal e tal medicamento até eu chegar aí. Às vezes*

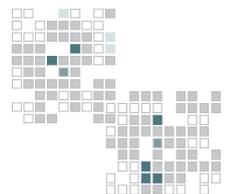
*até já aconteceu de eu ligar pra agropecuária, encomendar o remédio pra vim pelo ônibus, então eu nem precisei me deslocar pra buscar o remédio. Tudo por telefone, né? (R. K – agricultor, 39 anos)*

No caso das mulheres, a comunicação entre localidades também é de suma importância. Quase que a totalidade das entrevistadas demonstraram ser as mais preocupadas com a manutenção dos laços familiares, especialmente com entes queridos das quais se separam ao irem viver na propriedade herdada pelo marido. O telefone, assim, desempenha o papel de “tecnologia do coração”<sup>9</sup>, permitindo, assim, controlar as distâncias e os tempos daqueles que são próximos, mas que se encontram dispersos. “Eu tenho irmãos morando em Porto Alegre, eu tenho irmãos morando [...] em Gravataí [...] se todos têm telefone eu consigo fala. Eu não posso ir lá visitá eles, mas posso falá com eles, por isso que eu gosto do telefone” (Aderia P., 45 anos).

Ainda entre as mulheres entrevistadas, vale ressaltar que o celular também aparece com um especial sentido de ganho de autonomia: segundo Nilza S. (64 anos), o telefone permite que ela “se valha sozinha”, mencionando a importância desse meio para a obtenção de informações de transporte e encomendas de mercadorias na área urbana do município.

O computador, por sua vez, entrou na vida das famílias, em média, há cinco anos – porém, nem todas possuem o equipamento. Na maioria dos casos, tal mídia entra no ambiente doméstico a partir da preocupação de pais e mães com a educação dos filhos, como é o caso de A. A (agricultor, 47 anos) e V. C (agricultor, 50 anos): “Computador mesmo era só pros filhos. Nós

<sup>9</sup> Conforme denomina Tomlinson (apud Morley, 2008, p. 156), tecnologias do coração dizem respeito a “instrumentos imperfeitos, mediante os quais as pessoas tratam de manter alguma segurança da localização cultural”.



nem entendemos. É só pros filho mesmo” (A. A). Complementa que, com uma filha na faculdade, há a necessidade de trocar o computador: “Eles precisam agora, de um mais forte. Esse já é muito fraco”. Nesse mesmo sentido, M. A (agricultora, 42 anos) tem seu próprio notebook, mas justifica que um dos motivos para a compra foi imaginar que, em algum momento, os filhos poderiam precisar. Já para C. V (agricultora, 30 anos), a ferramenta é importante para que possa pesquisar e auxiliar o filho com os deveres de casa.

A justificativa para que se instalasse a internet também é o desempenho escolar dos filhos. Em abril de 2015, a família de A. A (agricultor, 47 anos) afirmou que o sinal da internet ainda não tinha chegado à propriedade, e que, portanto, não possuíam acesso à rede. Em julho de 2017, a família A e P adquiriram o serviço de modo compartilhado com mais duas famílias.

Enquanto a maioria dos pais e mães, até hoje, não usa a internet, e nem mesmo sabe como lidar com o computador, outros logo se interessaram pela ferramenta, como se nota na família K. “Aí depois, com o passar do tempo, a gente foi gostando daquela tecnologia. [...] Agora se fosse dizer ‘agora não quero mais’ eu acho que não conseguiria mais” (R. K – agricultor, 39). E. K (agricultora, 37 anos) conta que demorou um pouco mais para ter vontade de aprender a usar. Primeiro, o filho ensinou o pai a usar, que pegou gosto. Depois, no início de 2014, ano em que a entrevista foi realizada, ela decidiu fazer um curso para aprender, ficando mais interessada pelo meio. “Lá eu fiz uma amizade grande com uma colega e ela disse: ‘bá, eu tenho *face*, faz um *face* pra gente poder conversar’. E daí eu pedi pro meu marido me ensinar. Daí ele fez um *face* pra mim e eu tô gostando muito! Já tenho vários amigos, converso bastante com as pessoas pelo *face*, né?”

No caso de C. V (agricultora, 30 anos), foi o filho, de 8 anos, que a encorajou. “Eu sentei, olhei:

‘pra que tanto botão, onde que eu vou apertar?’ Medo de apertar... Aí depois ele começou a mexer mais, aí ele começou a me ensinar, né? Aí eu fui indo, devagar, e agora já domino bem.” Ela diz que antes de ter seu próprio computador nunca havia usado um porque “não sou muito de mexer nas coisas dos outros. Eu não gosto. Eu gosto de mexe nas minhas coisas”. Já Le. Z (agricultora, 40 anos) afirma que utiliza a internet para tirar dúvidas sobre pragas, por exemplo. “Se vem uma doença, assim, nos moranguinhos, vou lá pesquisar.”

Mesmo com acesso em casa, V. C (agricultor, 50 anos) não usa a internet e diz que não sabe “lidar”. “É uma coisa que parece que tem um branco na frente, às vezes eu quero saber uma coisa e eu peço pra eles, eles vão ali e me mostram quase a folha pronta. Não tenho a curiosidade de mexer nisso aí.” M. A (agricultora, 42 anos) não tem internet em casa, mas possui seu próprio notebook, que relata não ter interesse em usar. “Eu achei que quando vê eu ia me interessar, mas tá lá guardado. Eu não tiro tempo pra me senta.”

De modo geral, em relação aos meios mais “modernos”, a família K se destaca na posse de diversas mídias. Eles possuem *Smart TV*, notebook, computador e tablet, além de dois *smartphones*, todos eles conectados à internet. Eles são, inclusive, conhecidos pela vizinhança como adeptos à tecnologia. Por outro lado, um dos mais resistentes à tecnologia é A. A (agricultor, 47 anos), que diz não usar internet e celular e não ver utilidade em ambos. “Eu tenho trauma nesse tal de celular, não sei como é que pode. Prefiro nem tá perto do celular. Podia me dá um, eu não ia usar. [...] Pra mim o celular é um lixo.”

No caso dos jovens, a internet é utilizada quase que diariamente. Os que não possuem acesso em casa, se deslocam para locais com redes públicas (como é o caso de uma escola, que reúne jovens à noite em seus muros) ou casas

de parentes e vizinhos. Vale ressaltar que, no contexto pesquisado, o tempo dedicado às redes sociais e à internet, de modo geral, não se associa à fragmentação e dispersão no interior do espaço doméstico, pois as refeições cotidianas e, também, o trabalho são compartilhados – diferentemente do meio urbano.

## 5. Considerações finais

A apropriação de novos artefatos que proporcionam acesso à internet, abrindo mais uma via de contato com os fluxos de comunicação global, tensiona com a característica reservada e unida da família tradicional rural, da propriedade familiar e do trabalho que passa de pai pra filho. Mesmo assim, notamos uma intensa incorporação de tecnologias digitais no período de pesquisa. Nos anos em que estivemos em contato com as famílias, essas adquiriram novos artefatos e ampliaram seu acesso à internet em um curto espaço de tempo. Os usos foram adaptados às antigas mídias, bem como ao cotidiano de trabalho e lazer.

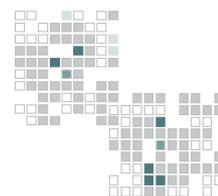
Identificamos que a internet e o celular vêm cada vez mais instituindo um modo individualizado de uso. Enquanto a televisão e o rádio geralmente têm uma audiência coletiva, com essas novas mídias isso se modifica. Isso é percebido por muitos dos entrevistados como motivo de distanciamento entre os membros da família, principalmente porque os jovens preferem ter momentos conectados com aqueles que estão fora da casa. Mesmo assim, nota-se que o fato de viverem e trabalharem juntos não permite que esse isolamento de fato se efetive. Assim, o questionamento do papel das TICs como “agregadoras” ou “distanciadoras” dos membros da família, visto sua capacidade tanto de intensificar a sociabilidade quanto de aprofundar o isolamento, como discute Livingstone (1996), embora vá depender de vários fatores, no caso específico da ruralidade pesquisada contempla

ambos os movimentos simultaneamente.

Além disso, as condições inerentes ao trabalho na agricultura definem diversos usos das TICs, especialmente no que diz respeito aos rituais de consumo. Durante a época de secar o fumo, por exemplo, ocasião em que permanecem no galpão, o rádio é o principal companheiro das famílias. No restante do ano, os dias são passados na lavoura, onde a compatibilidade entre trabalho e meios de comunicação fica mais difícil. Nesses períodos, o consumo de mídia fica mais restrito aos momentos de refeição e descanso, quando as famílias estão dentro de casa. Nota-se, portanto, um uso condicionado sobremaneira pelo contexto da sazonalidade própria do trabalho com a terra.

Para além da descrição dos usos da mídia, seja de *apropriação*, seja de *incorporação*, o que se pretendeu foi focar na saliência das TICs na reconfiguração de rotinas domésticas, laborais e de sociabilidades. Assumimos, junto a Pink e Mackley (2013, p. 678), que “estamos preocupados com a forma como os meios de comunicação estão situados como parte das idiossincrasias rotineiras, habituais, tácitas e, normalmente, não ditas, da vida cotidiana no lar”. Com essa perspectiva, ganha-se uma compreensão mais adequada e abrangente, isto é, descentrada, sobre os usos das TICs, já que esses são analisados junto com outras práticas sociais e não como atividades isoladas.

Em termos do debate teórico, acreditamos que ainda resta aprofundar o modelo proposto por Silverstone, Hirsch e Morley (1996) das quatro fases: *apropriação*, *incorporação*, *objetivação* e *reconversão*, ainda que, no caso deste artigo, tenhamos apenas explorado a questão da *apropriação* e *incorporação*. Mesmo essas duas “etapas”, mereceriam mais atenção no que diz respeito ao debate conceitual já que, no âmbito dos estudos de recepção e de consumo, esses dois termos são utilizados de modo intercambiável.



Do nosso ponto de vista, mesmo que ambos sejam atravessados pela dimensão simbólica, é possível detectar alguma diferença entre esses dois momentos. Contudo, esse debate conceitual resta ainda por ser feito.

É importante, ainda, ressaltar o esforço que empreendemos em focar na tensão entre a capacidade criativa dos sujeitos e suas práticas com as TICs e a pressão das determinações estruturais como dimensão substantiva na limitação de tal capacidade (Reguillo, 2004). Assim, destacamos nossa vinculação ao viés político que marca os Estudos Culturais (Hall; Jefferson, 1975), comprometido com o reconhecimento

de processos de exclusão, diferenciação e desigualdade como historicamente construídos e atravessados por relações de poder.

Considerando a desatenção sobre o espaço rural na área da Comunicação, em especial quando se trata de uma pesquisa sobre a presença e os múltiplos usos de tecnologias de informação e comunicação que adota um entendimento de relações mútuas entre tecnologia, cultura e sociedade, ambicionamos ter construído uma tessitura que tenha possibilitando o tratamento de uma realidade que não é compartimentada nem disciplinar.

## Referências

- CARNEIRO, M. J. Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2012.
- ESCOSTEGUY, A. C.; FELIPPI, A. C. T.; SIFUENTES, L. **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (re) configurações de uma ruralidade**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2019.
- ESCOSTEGUY, A. C.; SIFUENTES, L.; BIANCHINI, A. Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero. **INTERCOM**, v. 40, p. 195-211, 2017.
- FELIPPI, A. C. T.; ESCOSTEGUY, A. C. Juventude rural e novas formas de sociabilidade: um estudo do uso de celular no Sul do Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 14, p. 1-11, 2017.
- HALL, S.; JEFFERSON, T. **Resistance through rituals**. Youth subcultures in post-war Britain. London: Hutchinson/CCCS, 1975.
- LIVINGSTONE, S. El significado de las tecnologías domésticas. Un análisis del constructo personal de las relaciones familiares respecto del género. In: SILVERSTONE, R.; HIRSCH, E. (Eds.). **Los efectos de la nueva comunicación**. El consumo de la moderna tecnología en El hogar y em La familia. Barcelona: Bosch, 1996, p. 169-192.
- MORLEY, D. **Medios, modernidad y tecnología**. La geografía de lo nuevo. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2008.
- PINK, S.; MACKLEY, K. Saturated and situated: expanding the meaning of media in the routines of everyday life. **Media, Culture & Society**, 35 (6), p. 677-691, 2013.
- REGUILLO, R. **Los estudios culturales**. El mapa incómodo de un relato inconcluso. Barcelona, 2004.
- SILVEIRA, R. L. L. **Rede agroindustrial do fumo e a dinâmica de organização espacial e de usos do território na região Sul do Brasil**. [relatório de pesquisa]. Santa Cruz do Sul, RS. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011.
- SILVERSTONE, R.; HIRSCH, E.; MORLEY, D. (eds). **Los efectos de la nueva comunicación**. El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia. Barcelona: Bosch, 1996.
- WAJCMAN, J. **Esclavos del tiempo**. Vidas aceleradas en la era del capitalismo digital. Paidós: Barcelona, 2017.
- WANDERLEY, M. N. B.; FAVARETO, A. A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In: MIRANDA, C.; SILVA, H. (org.). **Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras**. Brasília: IICA, 2013.

